

# Alexandre, o Grande visita Diógenes

*Uma história recontada por Shambhavi Christian*

Na maioria das vezes, Diógenes poderia ser encontrado relaxando no local que escolheu como seu lar: um grande barril de argila. Era assim que um dos mais eminentes filósofos da Grécia antiga passava uma grande parte do seu tempo – sentado dentro desse barril virado de lado, na periferia de Corinto, na companhia de cachorros de rua e recebendo um fluxo constante de visitantes buscando respostas para todas as suas perguntas sobre a vida.

Por que um barril? Bom, essa era apenas uma das excentricidades de Diógenes. Da mesma forma que era estimado por sua sabedoria, ele também era visto com uma mistura de diversão e apreensão devido ao seu comportamento não ortodoxo. Por exemplo, Diógenes desprezava qualquer sinal de luxo e vivia apenas com o essencialmente básico. Com frequência lançava mão de extremos para servir de exemplo aos outros. Por isso o barril.

Diógenes acreditava que a felicidade poderia ser encontrada na liberdade individual, vivendo de forma autêntica e falando a verdade. Era famoso por perambular pelas ruas e iluminar a cara das pessoas com um lampião ou uma vela, dizendo que estava à procura de um ser humano honesto – um modelo de humanidade verdadeira.

Naturalmente, as notícias desse professor inusitado acabaram chegando ao soberano do reino, Alexandre, o Grande. Esse impetuoso jovem conquistador subiu ao trono aos 20 anos, e continuou sua carreira até

formar um dos maiores impérios no mundo. Porém, em um aparente contraste com sua ambição e poder inigualáveis, Alexandre também era muito interessado em filosofia. Ele queria aprender sobre a natureza da realidade.

Assim que Alexandre se tornou rei, filósofos e políticos de todas as partes começaram a se dirigir para a sua corte para lhe prestar homenagem e bajula-lo com presentes extravagantes e elogios. Pois foi a partir desses visitantes que Alexandre ouviu falar sobre Diógenes. O jovem ficou intrigado! Esperou que Diógenes também aparecesse na corte. Ele esperou, e esperou.

Mas o velho filósofo não tinha o menor interesse no seu novo governante. Diógenes continuou em Corinto, passando seus dias tranquilo em seu barril.

Finalmente Alexandre decidiu que o único jeito seria viajar até Corinto. Assim, um dia ele partiu com seu cortejo real. Durante o caminho, seus conselheiros tentavam prepara-lo para o encontro.

— Sua Majestade — disseram —, Diógenes é um homem muito estranho. Ele é irritadiço. Rejeita as normas sociais. Ele odeia riquezas e poder. Ele vive em um barril! Não dá nem para prever como ele irá falar ou reagir.

Mas cada palavra de prudência apenas aguçava o interesse do rei.

Naquele dia em especial, Diógenes havia decidido sair de seu barril e ir se deitar à beira da estrada para curtir o calor do sol grego. Estava tranquilamente começando seu cochilo quando escutou o barulho de uma procissão chegando: a fanfarra dos instrumentos de sopro e gaitas de fole, a cadência dos tambores, e o baque dos cascos dos cavalos na terra.

Apoiado num dos cotovelos, Diógenes espiou a estrada. Entre redemoinhos de poeira, ele viu estandartes reais ondulando no ar. À vista daquilo, voltou a se deitar.

Quando o rei e seu cortejo se aproximaram do local onde o filósofo estava descansando, um dos guardas exclamou: “Lá está ele!” E a comitiva parou. O rei Alexandre desmontou e foi até onde o homem estava reclinado.

Diógenes levantou o olhar para o jovem monarca parado diante dele. Observou seu manto esplendido, o elmo brilhante, sua conduta majestosa.

Cordialmente Alexandre cumprimentou Diógenes e então declarou:

— Eu sou Alexandre, o Grande Imperador! Vim lá da minha corte em Atenas até aqui para te conhecer e receber seu conhecimento. Primeiro, eu gostaria de perguntar: tem alguma coisa que você queira de mim? Disponho de todos os recursos do reino a um comando meu. Existe algo que eu possa lhe dar, qualquer coisa que eu possa fazer por você?

— Sim — respondeu Diógenes — tem.

O rei segurou a respiração, em antecipação.

— Você pode dar um passo para o lado. Não está vendo? Estou tomando sol. E você está fazendo sombra.

Um silêncio estarrecedor se abateu sobre o grupo.

Alguns segundos depois, o ego do rei se recuperou do golpe do comando de Diógenes e sem mais palavra, deu um passo para o lado. Assim que

saiu do caminho, mais uma vez os raios de sol voltaram a banhar o filósofo, cujo olhar brilhava em deleite.

Alexandre se despediu de Diógenes e o grupo seguiu para casa. Quanto mais ele refletia sobre o encontro e o conhecimento recebido, mais a sua admiração por esse professor tão singular crescia.

Durante a viagem Alexandre entreouviu seus atendentes gozando e zombando do velho. Então se virou para os homens e disse:

— Se eu não fosse Alexandre, eu gostaria de ser Diógenes.

Quando, mais tarde, Diógenes ouviu esta história, exclamou:

— Se eu não fosse Diógenes, eu também gostaria de ser Diógenes.

